



TESTEMUNHAS DE JEOVÁ NO BRASIL: (auto)representações e apropriações do espaço



Osorio Vieira Borges Junior¹

Artigo recebido em: 16/01/2025.

Artigo aceito em: 14/03/2025.

RESUMO:

Este artigo analisa a presença das Testemunhas de Jeová no Brasil a partir da perspectiva da História Cultural das Religiões, explorando como esse grupo se autodefine e se apropria do espaço sociopolítico e cultural em que está inserido. Com base nos aportes teóricos de Adone Agnolin, Nicola Gasbarro e Michel de Certeau, especialmente sua discussão sobre espaço, investiga-se a construção da identidade religiosa das Testemunhas de Jeová em meio a tensões como isolamento social, rejeição a festas tradicionais e neutralidade política. A pesquisa utiliza como fontes publicações da própria organização, incluindo livros, anuários de 1974 e artigos da *Watchtower*, analisando as estratégias discursivas e práticas que moldam a inserção e a transformação desse grupo no contexto brasileiro. Os resultados apontam que as Testemunhas de Jeová negociam constantemente sua presença pública, oscilando entre a reafirmação de uma postura contracultural e a adoção de práticas de adaptação estratégica, especialmente em períodos de maior repressão política.

PALAVRAS-CHAVE: Testemunhas de Jeová; Identidade religiosa; Espaço; Política; Cultura.

Jehovah's Witnesses in Brazil: (Self) Representations and Appropriations of Space

ABSTRACT:

This article analyzes the presence of Jehovah's Witnesses in Brazil from the perspective of the Cultural History of Religions, exploring how this group self-defines and appropriates the sociopolitical and cultural space in which it is situated. Based on the theoretical contributions of Adone Agnolin, Nicola Gasbarro, and Michel de Certeau, particularly his discussion on space, the study investigates the construction of the religious identity of Jehovah's Witnesses amid tensions such as social isolation, rejection of traditional celebrations, and political neutrality. The research draws on publications from the organization itself, including books, the 1974 yearbooks, and articles from *The Watchtower*, analyzing the discursive strategies and practices that shape this group's insertion and transformation within the Brazilian context. The

¹ Doutorando em História pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em História pelo Instituto de História (INHIS) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Contato: juniorvieira.osorio@gmail.com.

results indicate that Jehovah's Witnesses constantly negotiate their public presence, oscillating between reaffirming a countercultural stance and adopting strategic adaptation practices, especially during periods of heightened political repression.

KEYWORDS: Jehovah's Witnesses; Religious Identity; Space; Politics; Culture.

1. Introdução

Ao examinar a presença das Testemunhas de Jeová no Brasil, destacando as maneiras como elas se auto definem e se apropriam do espaço sociopolítico e cultural no qual estão inseridas, este artigo tem ênfase na dinâmica de construção da identidade religiosa da organização, observando as práticas e os discursos que moldam sua relação com a sociedade brasileira. A investigação baseia-se na História Cultural das Religiões, para compreender os processos de apropriação e ressignificação da religiosidade no espaço social. Em especial, a discussão de Certeau sobre o espaço é relevante para analisar como as Testemunhas de Jeová negociam sua presença em um meio marcado pela diversidade cultural e religiosa, transformando práticas e discursos para manter sua identidade e, ao mesmo tempo, interagir com a sociedade.

As fontes analisadas incluem publicações produzidas pelas próprias Testemunhas de Jeová, como livros institucionais, anuários de 1974 e artigos da *Watchtower*, principal revista da organização desde 1879. Esses materiais permitem examinar não apenas a autodefinição do grupo, mas também as estratégias discursivas e narrativas que sustentam sua construção identitária e sua relação com o contexto brasileiro. A partir dessa análise, busca-se entender as contradições e nuances nas formas de vivenciar e adaptar a fé em um país de diversidade religiosa e cultural.

As Testemunhas de Jeová, surgidas em Allegheny, Pensilvânia, EUA, no final do século XIX, representam um fenômeno religioso que transcende barreiras linguísticas e culturais, expandindo-se globalmente com notável organização. Sua origem está ligada à busca de Charles Taze Russell por uma nova experiência do sagrado, resultando no estabelecimento de uma religião cristã não trinitária e missionária. De acordo com o Relatório Mundial das Testemunhas de Jeová do Ano

de Serviço de 2022², foram registrados quase 8,7 milhões de publicadores³ em todos os países onde há fiéis, com aproximadamente novecentos mil no Brasil.

A partir de 1920, as Testemunhas de Jeová iniciaram suas atividades missionárias no Brasil, quando George Young foi enviado pelo presidente da Sociedade Torre de Vigia⁴, Joseph Franklin Rutherford. Com sua vasta extensão territorial e seu papel de potência sul-americana, além de um processo de secularização que havia ganhado força no final do século XIX, o Brasil se mostrou um terreno fértil para a expansão de novas expressões religiosas. Para Rutherford, o país representava um campo promissor para a difusão da fé das Testemunhas de Jeová. Este estudo foca o período de 1920 a 1940, abordando desde o estabelecimento da religião no Brasil até a primeira proibição oficial de suas atividades no país.

Apesar dos esforços consideráveis empreendidos pelos primeiros missionários liderados por George Young, o sucesso nas atividades missionárias foi limitado. Até 1939, duas décadas após a chegada das Testemunhas de Jeová ao Brasil, apenas cento e quatorze publicadores estavam registrados, concentrados principalmente nos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro⁵. Diante desse cenário, tornou-se relevante investigar os fatores que impediram um crescimento mais expressivo das Testemunhas de Jeová no país, considerando desafios culturais, sociais e religiosos que poderiam ter influenciado essa expansão inicial.

Paralelamente aos esforços do grupo religioso ainda incipiente, líderes católicos, incluindo o bispo Dom Leme, buscavam restaurar todas as coisas em Cristo,

² Dados extraídos do site oficial das Testemunhas de Jeová: jw.org, disponível em: <<https://www.jw.org/pt/biblioteca/livros/Relat%C3%B3rio-Mundial-das-Testemunhas-de-Jeov%C3%A1-do-Ano-de-Servi%C3%A7o-de-2022/Totais-gerais-de-2022/>>, acesso em 14 de maio, 2023.

³ Entende-se por publicador, um membro ativo na comunidade religiosa envolvido na campanha missionária de evangelização.

⁴ Entidade jurídico-administrativa usada pelas Testemunhas de Jeová para representar suas atividades nos Estados Unidos.

⁵ As Testemunhas de Jeová no Brasil. **A Sentinel: Anunciando o Reino de Jeová**, São Paulo, 1 de julho de 1960, p. 403-404. Disponível em: <<https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lpt/1959449?q=testemunhas+de+jeov%C3%A1+no+brasil&p=doc>>, acesso em 14 de maio de 2023.

era o lema do pontificado de Pio X. Essa busca refletia a persistência do clero em reintegrar a Igreja nos espaços políticos nacionais, com o objetivo de restaurar, no Estado, a posição da Igreja Católica como instituição importante para os debates políticos e tornar o sistema de governo republicano no Brasil submisso aos dogmas católicos, que serviriam como diretrizes para as decisões governamentais (Moura, 2011, p. 104).

Nesse contexto, as mudanças políticas e religiosas, tanto no cenário nacional quanto internacional, eram evidentes. Em 1922, foi criado o Centro Dom Vital, destinado a abrigar ideias e projetos políticos católicos. No mesmo ano, no Rio de Janeiro, ocorreu a fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB), e dez anos depois, surgiu a Ação Integralista. Internacionalmente, destacava-se a era das concordatas de Pio XI - como ficou conhecido o pontificado de Pio XI entre historiadores do período, já que se caracterizou por firmar diversos acordos com governantes de vários países durante anos políticos agitados - combinada com a ascensão de regimes totalitários de inspiração nazifascista.

Diante dessa conjuntura, as Testemunhas de Jeová posicionaram-se como oposição, criticando constantemente a Igreja Católica por meio da distribuição de panfletos em residências, ruas e espaços públicos, principalmente no centro de São Paulo, e por meio de discursos em suas congregações⁶. A configuração proselitista foi se estabelecendo enquanto o processo de recatolisização seguia tendo sucesso, ainda mais, depois da ascensão de Getúlio Vargas ao poder.

Os debates expostos neste trabalho abordaram o conflito pelo território político religioso. Nesse sentido, utilizamos a definição de Michel de Certeau, que comprehende o espaço como um fenômeno social e cultural, já que, longe de ser indiferente à prática cultural humana, se modifica a partir dela. O espaço se transforma

⁶ Entende-se por congregação: o grupo local de Testemunhas de Jeová que se reúne semanalmente em locais de adoração (Associação Torre de Vigia, 1993, p. 19).

e é reimaginado pelos agentes que o habitam de acordo com suas práticas cotidianas motivadas por suas necessidades e desejos. Para o autor,

o espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um tempo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas (Certeau, 1998, p. 199)

De acordo com Certeau, o espaço difere do lugar ao ser continuamente transformado pelas práticas e interações dos agentes que nele atuam. Enquanto o lugar pode ser entendido como uma posição estática e predefinida, o espaço é vivo, dinâmico, resultante das ações e relações que se desenrolam ali. Em outras palavras, o espaço não é um palco neutro: ele ganha forma e sentido conforme é habitado e reinterpretado, tornando-se um cruzamento de móveis, em que as interações e movimentações dos agentes o moldam constantemente.

Assim, o espaço é sempre temporal, permeado pelos contextos e pelas intenções de quem o utiliza, e transforma-se em uma unidade polivalente de sentidos e significados em constante negociação. Para Certeau, o espaço ganha características fluidas e complexas, pois cada ação o atualiza e o redimensiona, tornando-o uma expressão viva das práticas culturais e dos conflitos que ali se desenrolam. O espaço estaria para o lugar como a fala está para a linguagem escrita, ou seja, enquanto o lugar se assemelha à estrutura fixa e codificada da linguagem, o espaço reflete a fala como ato presente, flexível e adaptável, que se molda ao contexto e ao momento.

Tendo em vista o entendimento de Certeau, diferentes grupos sociais têm perspectivas distintas sobre o mesmo espaço considerado. A divergência entre as Testemunhas de Jeová e a Igreja Católica insere-se no campo da disputa espacial, uma vez que seus motivos para a resistência e a aproximação do Estado, respectivamente, se justificavam pela necessidade de reivindicar espaço para sua existência e influência. Para as Testemunhas de Jeová, a luta pela legitimidade de sua prática religiosa e a defesa de sua identidade se tornaram essenciais em um contexto de repressão, **Revista Espacialidades [online]**. 2025.1, v. 21, n. 1, ISSN 1984-817X [70]

enquanto a Igreja Católica buscava consolidar sua posição tradicional e garantir sua continuidade no cenário religioso e político do país.

A metodologia de pesquisa deste trabalho se concentra em analisar as evidências à luz da História Cultural das Religiões. Nesse sentido, agregamos a discussão sobre história, cultura e religião numa perspectiva que superou a fenomenologia da religião como imposição à pesquisa nesse campo. Adone Agnolin escreveu que “no Brasil se conhece por História das Religiões (prática e exclusivamente Eliade)” (2013, p. 177). A questão a ser problematizada nesse sentido é a visão essencialista da religião presente no pensamento de Mircea Eliade, já que assume para si a missão de procurar estruturas comuns na variedade de religiões que hoje existem e convivem juntas.

Além disso, é preciso entender que o método seguido por Eliade, longe de entender a religião como objeto de pesquisa histórico que deve ser posto de lado à observação em função de uma determinada cultura como propõe Agnolin (2013, p. 41) descontextualiza, ou seja, opera contra e apesar da história e cultura, objetivando o religioso e desistoricizando-o. Posto isto e certo no entendimento de que a religião não deve ser apartada da história e cultura, assim como propõe Benatte (2014, p. 59), ao dizer que “a relação entre história, religião e cultura é hoje tão umbilical que dificilmente podemos imaginar a história religiosa abstraída do campo da história cultural”, este trabalho se posiciona no campo da História Cultural das Religiões.

Pensando nos conflitos problematizados neste trabalho e observando as tendências da historiografia contemporânea que problematiza o religioso, o método comparativo se apresentou como melhor opção para o desenvolvimento desta pesquisa. Para Pettazzoni (1959, p. 245),

a História é o mundo da liberdade e, portanto, da variedade e da comparabilidade, [sendo portanto], a comparação, necessária para obter, da similaridade das estruturas, o senso fundamental dos fenômenos religiosos, ou seja, o seu próprio sentido religioso.

Este trabalho utiliza o método comparativo para analisar três relações interligadas durante os anos de 1920 a 1940: os conflitos entre as Testemunhas de

Jeová e o Estado brasileiro, focalizando nas estratégias estatais de controle ideológico e na resistência das Testemunhas de Jeová à imposição governamental; o embate entre as Testemunhas de Jeová e a Igreja Católica, e como a hierarquia católica tentou suprimir a expansão da nova religião no contexto brasileiro e aspectos da relação entre a Igreja Católica e o Estado, destacando suas colaborações e tensões durante o período indicado.

Ao utilizar o método comparativo, pretendemos identificar similitudes e diferenças entre essas interações complexas, elucidando os motivos subjacentes aos conflitos analisados. Essa abordagem não apenas elucidará as dinâmicas específicas entre as instituições religiosas e o Estado, mas também oferecerá uma compreensão dos fatores históricos e culturais que moldaram o cenário religioso e político no Brasil durante as décadas de 1920 e 1940.

2. O protestantismo nega-se a si mesmo? Uma ortodoxia superada

A religião é hoje apenas ‘boa’ de pensar: quanto mais nós estudamos a noção de maneira histórica e comparada, mas ela se dissolve nas periferias arbitrárias do pensamento simbólico ou nas práticas dos ‘não-lugares’ e mestiçagem que procuram inventar novos ritos de passagem da natureza à cultura (Gasbarro, 2011, p. 172)

Gasbarro sugere que o entendimento de religião se torna cada vez mais complexo à medida que se aprofundam as investigações sobre suas manifestações e significados ao longo do tempo.

A expressão “boa de pensar” refere-se à capacidade da religião de instigar reflexões e questionamentos, mas também implica que, ao analisá-la, a rigidez de suas classificações tradicionais se desfaz. As Testemunhas de Jeová, enquanto grupo religioso, apresentam características que desafiam a categorização simples. Embora tenham raízes no protestantismo, sua interpretação da Bíblia, práticas e organização social revelam influências de contextos culturais e históricos que transcendem uma definição estrita.

Ao mencionar periferias arbitrárias do pensamento simbólico, Gasbarro (2011, p. 172) destaca que as religiões não existem isoladamente, mas são moldadas

por interações sociais e culturais que diversificam suas expressões. As Testemunhas de Jeová, por exemplo, reinterpretam crenças cristãs à luz de sua teologia exclusiva e práticas distintas, resultando em uma forma de religiosidade que não se alinha facilmente com as tradições protestantes clássicas.

O conceito de mestiçagem, entendido como a confluência de diferentes tradições e sistemas simbólicos, é fundamental para compreender a forma como as Testemunhas de Jeová constroem sua identidade. Embora reivindiquem uma ortodoxia própria, sua doutrina não é impermeável às trocas culturais. A rejeição de celebrações tradicionais como aniversários e feriados cristãos, por exemplo, coexiste com estratégias de evangelização que se adaptam às especificidades regionais. Essa mestiçagem não é apenas doutrinária, mas também social, refletindo a circulação de fiéis em distintos contextos e a incorporação de elementos locais na vivência religiosa.

Os não-lugares são outro aspecto essencial para a compreensão dessa religiosidade. Enquanto conceito, os não-lugares referem-se a espaços transitórios, onde as identidades se tornam fluidas e desafiadoras para os modelos tradicionais de pertencimento. As Testemunhas de Jeová, com sua organização global e estrutura centralizada, operam dentro dessa lógica ao construir uma identidade que, por um lado, busca a uniformidade doutrinária, mas, por outro, se desenvolve em múltiplas realidades sociais. Suas práticas evangelizadoras nas ruas, em transportes públicos ou em visitas domiciliares revelam essa dinâmica dos não-lugares, onde a mensagem religiosa precisa constantemente se recriar diante da indiferença ou resistência dos interlocutores.

Nesse sentido, as Testemunhas de Jeová exemplificam como a religiosidade pode ser uma construção dinâmica, em constante adaptação, refletindo tanto influências externas quanto a necessidade interna de coesão entre seus membros. Essa complexidade torna a classificação das Testemunhas de Jeová como protestantes ou não uma questão que exige uma análise contextualizada, levando em conta as nuances de sua identidade e a pluralidade das experiências religiosas nos diferentes territórios em que se instalaram.

Para a Igreja Católica, as Testemunhas de Jeová fazem parte do espectro protestante, já que surgiram fora da tradição católica e adotam uma postura crítica em relação ao catolicismo. Na década de 1940, o Padre Agnelo Rossi discutiu esse ponto ao criticar o que via como uma base protestante nas Testemunhas de Jeová. Ele afirmou:

O livre exame da Bíblia é a base por excelência do protestantismo. Firmado nesse mesmo princípio, com a Bíblia na mão, Russell e agora Rutherford apregoam ao mundo as mais abstrusas revelações. Insurgem-se contra a religião. Vão mesmo de lança em riste contra as demais organizações protestantes. E assim temos um exemplo típico do resultado da livre interpretação da Sagrada Escritura e dessa forma, o protestantismo nega-se a si mesmo (Rossi, 1941, p. 492)

Para Rossi, a ênfase das Testemunhas de Jeová na interpretação dos textos bíblicos exemplifica um uso desordenado da apropriação de textos sagrados, onde as crenças se afastam da teologia cristã tradicional. Esse ponto de vista reflete a tendência da Igreja Católica de universalizar a noção de religião.

A própria definição católica de religião carrega um conceito de universalidade ou catolicidade, o que implica uma visão de abrangência e exclusividade. Frei Damião Berge, ao explorar o termo “religião” e sua ligação com a Igreja Católica, recorre a Cícero e Santo Agostinho para explicar esse sentido de conexão com o divino. Segundo Cícero, a palavra religião deriva de *religare*, que significa reconectar ou vincular o ser humano ao divino, uma ideia que Santo Agostinho expande ao definir religião como “a conexão com o Deus onipotente” (Berge, 1939, p. 126). Essa visão assume uma dimensão católica quando identifica esse Deus como o Deus cristão-católico.

Assim, a classificação da Igreja das Testemunhas de Jeová dentro do espectro religioso tenderia a situá-las no campo do protestantismo, especialmente pelo contexto histórico e pelas críticas comuns ao catolicismo. Ao afirmar que o protestantismo nega-se a si mesmo, o padre Rossi sugere que as Testemunhas de Jeová, ao atacarem grupos protestantes com a mesma intensidade que criticam a Igreja Católica, subvertem a coesão interna do protestantismo, evidenciando divisões significativas. Rossi vê nesse comportamento uma contradição: enquanto o

protestantismo tradicionalmente defende o direito de livre exame das Escrituras, as Testemunhas de Jeová o aplicam de maneira radical e exclusiva, posicionando-se como a única interpretação legítima da Bíblia. Assim, para ele, o grupo desafia a própria estrutura do protestantismo ao antagonizar suas outras vertentes, criando um cenário em que a diversidade do protestantismo é posta em xeque pela insistência das Testemunhas de Jeová em uma visão singular e exclusivista.

Em outros países, principalmente nos Estados Unidos, país de origem das Testemunhas de Jeová, elas não disputam espaço com grupos protestantes tanto quanto se disputou no Brasil. Portanto, seria lógico entender que, no Brasil, ocorreria o mesmo, mas Benatte (2014, p. 70) entende que é preciso

nunca partir da ideia de uma cultura religiosa homogênea ou homogeneizadora dos comportamentos, atitudes e valores: mesmo os cânones e dogmas não impossibilitam uma epiqueia pessoal (Benatte, 2014, p. 70)

Além disso, não impossibilitam adaptações e flexibilizações a partir da cultura na qual se insere e desenvolve. Pensar isso nos faz entender que nenhuma religião tem como fundamento uma ortodoxia rígida e insuperável, ou seja, as práticas de seus fiéis e lideranças podem nem sempre refletir suas regras e convenções por serem influenciados por um ou vários elementos culturais específicos. Ao refletir sobre o catolicismo e suas perspectivas transnacionais, Oliveira (2020, p. 9), entende que a religião “não é inteligível apenas por suas regras, mas pela ação dos fiéis que, ao vivenciá-las, propõem modelos de organização”. Podemos aplicar essa sentença a quaisquer outras religiões, já que, isolar uma religião da realidade cultural na qual se desenvolve é um erro sumário no estudo das religiões e das religiosidades.

3. Entre a ortodoxia e a ortoprática: a especificidade brasileira

No caso das Testemunhas de Jeová, uma análise acerca de sua transnacionalidade e adaptação no Brasil parece ser imprescindível e necessária já que, a religião, ao se proclamar única verdadeira - como se a verdade pudesse ser tratada com tanta simplificação - inadmite adaptações de sua doutrina à quaisquer culturas e realidades nacionais em seu discurso.

No Brasil, nos anos de seu estabelecimento e até os dias atuais, como em outros países que mantém filiais das Testemunhas de Jeová, seguem ordens da diretoria da Associação Torre de Vigia⁷. O texto das publicações distribuídas pelos fiéis a pessoas em suas casas, bem como nas ruas e em praças públicas são, em sua maioria, uma tradução do que foi produzido na sede mundial nos Estados Unidos sob tutela da diretoria e de comissões compostas por homens que os auxiliam nesse trabalho. Essa dinâmica desconsidera qualquer realidade nacional, já que a produção do texto reflete os acontecimentos políticos, sociais e culturais dos Estados Unidos no momento de sua elaboração.

Além disso, as técnicas de evangelização e divulgação de suas crenças seguiam orientações expressas da diretoria da Associação Torre de Vigia, que o fazia por meio de cartas ao Betel bem como por meio de um documento chamado *Director*.

Já em 1919, realizavam-se reuniões para organizar o serviço de campo. Na época, nem todos na congregação assistiam a essas reuniões — só os que estavam diretamente envolvidos na distribuição de publicações. Durante boa parte do ano de 1923, uma Reunião de Serviço era realizada mensalmente, e todos na classe, ou congregação, deviam assistir a ela. Em 1928, as congregações foram exortadas a realizar essa reunião semanalmente e, em 1935, A Sentinela incentivou todas as congregações a basear a Reunião de Serviço nas informações publicadas no *Director* (mais tarde chamado Informante, e depois Nossa Ministério do Reino). Essa reunião logo passou a fazer parte da programação de todas as congregações (Associação Torre de Vigia, 2014, p. 179)

O *Director*, produzido nos Estados Unidos, refletia a realidade estadunidense. Esse e outros documentos enfatizavam a necessidade de ações dos fiéis contra a Igreja Católica e a entendiam como principal inimigo. Para entender o contexto e como se deu a tradução das práticas estadunidenses das Testemunhas de Jeová no Brasil, se faz necessário um debate transnacional sobre a ortodoxia e as ortopráticas da religião nos Estados Unidos e no Brasil.

⁷ Conforme consta no site oficial das Testemunhas de Jeová (jw.org), em 2025 essa diretoria é conhecida como Corpo Governante, ou, escravo fiel e prudente, entre os membros da religião. Os termos remetem às expressões utilizadas pelos primeiros cristãos no século I ao se referirem aos apóstolos e líderes do cristianismo nesse período.

Gasbarro (2013, p. 99), entende que uma ortodoxia jamais pode ser vista como fixa e imutável já que os povos de uma cultura podem inventar e reinventar práticas tidas como sagradas de acordo com sua realidade formando uma ortoprática. É bem verdade que, muitas vezes, uma ortodoxia pode sofrer influência de outra, comum no ambiente a qual se instaurou e daí, surgir uma nova prática, que não permanece à margem dessa ortodoxia, mas se integra a ela nessa cultura específica. O pensamento de Gasbarro está alinhado ao que Certeau (1998, p. 93) apresenta como a multiplicação das maneiras de fazer e modos de uso a partir de fenômenos de aculturação: o contato entre uma ortodoxia produzida a partir de uma cultura específica e outra que não foi levada em conta produz modos de uso inéditos - ortopráticas - que determinará a ortodoxia daquele espaço num processo dialético e natural.

O conflito entre Testemunhas de Jeová e a Igreja Católica não se inicia no Brasil, mas é uma importação das práticas e métodos da religião nos Estados Unidos. Desde a sua formação, o grupo reivindica um espaço que, no senso comum, pertence à Igreja Católica: o da primeira igreja cristã. Essa questão ideológica motivou Russell e seus sucessores como presidentes da Associação Torre de Vigia a atacar a Igreja Católica em suas publicações, principalmente nos artigos da *Watchtower* - a principal revista publicada pelas Testemunhas de Jeová, desde 1879 - e numa coleção de seis livros de Russell, todos procurando brechas na doutrina católica para acusá-la. Antes de morrer, Russell estava trabalhando na produção do sétimo livro; depois de sua morte, Rutherford tomou posse de seus escritos e os completou até que o sétimo volume da obra estivesse pronto: *The Finished Mystery* (O Mistério Consumado). Rutherford não era conhecido por fazer rodeios ou mesmo por ser gentil ou educado; sua sinceridade e franqueza no falar constantemente deixavam os fiéis apreensivos: fato tão irrefutável que é destacado pela própria diretoria das Testemunhas de Jeová, em 1993, ao lançar o livro *Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus* que o descreve como um homem de personalidade forte e senhor de um aspecto imponente, com um metro e oitenta e oito centímetros de altura e uns cem quilos (Associação Torre de Vigia, 1993, p. 66).

O livro *The Finished Mystery* traduziu o espírito de Rutherford e a maneira com que iria presidir a Associação Torre de Vigia depois da morte de Russell em 1916. O livro continha um ataque fortíssimo ao clero da época nos Estados Unidos, principalmente o católico. Em fins de 1917, o livro já havia alcançado uma tiragem de 850.000 exemplares, não demorou muito para ser proscrito no Canadá e nos Estados Unidos. Não satisfeito com a censura, Rutherford lançou o folheto *Intolerância Religiosa: Perseguidos os Seguidores do Pastor Russell por Falarem a Verdade ao Povo*, que assim como o livro, foi amplamente distribuído na América do Norte e Europa. A tática de Rutherford sempre foi tornar claras as alianças implícitas entre o clero católico e o Estado. A obra *Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus* relata o que aconteceu a seguir:

Na primavera de 1918, foi lançada uma onda de violenta perseguição contra os Estudantes da Bíblia na América do Norte e na Europa. A oposição instigada pelo clero culminou em 7 de maio de 1918, quando foram emitidos mandados de prisão federais dos EUA de J. F. Rutherford e de diversos de seus colaboradores íntimos. Em meados de 1918, Rutherford e sete colaboradores seus estavam na penitenciária federal de Atlanta, Geórgia (Associação Torre de Vigia, 1993, p. 70)

Depois de alguns meses esses homens foram soltos e Rutherford intensifica seus esforços na expansão de suas atividades religiosas: é nesse esforço que envia o primeiro missionário ao Brasil em 1922. É possível imaginar o teor das publicações que eram produzidas nesse período contra a Igreja Católica e distribuídas no Brasil. A obra das Testemunhas de Jeová se inicia na América do Sul sob a sombra do conflito que acontecia nos Estados Unidos.

Até 1932, a filial no Brasil produzia exclusivamente as revistas enviadas pela sede nos Estados Unidos para tradução e publicação no país. Apesar das escassez de informações sobre o tema nas fontes deste trabalho, em sua maioria produzidas pelas Testemunhas de Jeová - em sacrifício ao discurso homogeneizador de práticas - é possível imaginar adaptações em suas práticas culturais e cotidianas num país conhecido pela sinceridade no trato de sua população, tropical, continental e tão diverso. Mesmo no interior do território brasileiro, à medida que as atividades do grupo começaram a se tornar relevantes em números, os modos de uso da religião se

multiplicaram, a exemplo da maneira como a crença das Testemunhas de Jeová chegaram a ser conhecidas em diferentes estados do país. É difícil, ou mesmo impossível, descrever todos os modos de uso da religião pelos membros do grupo no Brasil. Para Gasbarro (2013, p. 84), é um erro reduzir a complexidade e multiplicidade das linguagens religiosas e suas estruturas, mas é necessário o entendimento de que a ortoprática - maneira pela qual as práticas culturais moldam e transformam a ortodoxia - são imperativas, mesmo em sistemas religiosos rigorosos como o das Testemunhas de Jeová.

A medida que, na década de 1930, o gerente da filial do Brasil, Domingos Denovais, percebia uma lentidão do crescimento das atividades da religião no Brasil, numa ação tática de subversão do poder da diretoria da Associação Torre de Vigia nos Estados Unidos, decidiu publicar uma nova revista em território brasileiro que não fosse vinculada a *Watchtower*, embora fizesse referência a ela e a revista *The Golden Age*, também produzida pelas Testemunhas de Jeová nos Estados Unidos, com o objetivo de atrair fiéis entre pessoas de pouca fé ou que não tivessem religião.

Denovais começou a publicar sua revista em 1932 que se intitulava *A Luz da Verdade*⁸. O periódico, ao contrário do que a diretoria da Associação Torre de Vigia orientava, tinha como tática de conversão de fiéis, o conflito contra grupos protestantes. Pressionado pelo baixo crescimento da religião no Brasil, Denovais alterou a prática dos fiéis através da publicação de um periódico que deixava de lado o conflito com a Igreja Católica num esforço de atrair fiéis que não estavam sob a influência católica, mas protestante (Associação Torre de Vigia, 1974, p. 41-42).

O crescimento lento que as Testemunhas de Jeová tinham no Brasil, nas décadas entre 1920 e 1940, não era condizente com o crescimento e entusiasmo dos fiéis em outros territórios no mundo, a exemplo do congresso que aconteceu nos Estados Unidos em Columbus, Ohio, em 1931, onde Rutherford afirmou a identidade

⁸ Nenhum exemplar da revista foi encontrado durante o levantamento de fontes para esta pesquisa. As informações sobre o periódico se baseiam em publicações produzidas pelas Testemunhas de Jeová posteriormente a esses eventos, portanto não estamos propondo uma análise da revista, mas a problematização dos significados, causas e consequências de sua publicação no Brasil.

dos fiéis ao usar, pela primeira vez, a expressão Testemunhas de Jeová para se referir aos seguidores da religião, que antes eram conhecidos apenas como Estudantes da Bíblia ou russelitas em alusão a seu fundador, Russell. Os relatos sobre esse evento mostram sua relevância na construção da identidade da religião. Enquanto isso no Brasil, em setembro de 1931, o grupo enfrentava a maior crise desde o seu estabelecimento no país: havia apenas vinte e um publicadores - divulgadores, pregadores ou evangelizadores - em todo território nacional. Em outubro do mesmo ano, o número baixou ainda mais; eram quatorze publicadores, estando oito deles em São Paulo e quatro no Rio de Janeiro. Este cenário devastador para Denovais, o fez tomar a decisão de publicar a revista *A Luz da Verdade*, contrariando a diretoria da Torre de Vigia (Associação Torre de Vigia, 1993, p. 70; Id., 1974, p. 41-42)

É importante perceber que as práticas de Denovais e das Testemunhas de Jeová no Brasil refletem a ideia de uma cultura religiosa. Nesse sentido, Benatte (2014, p. 62) nega a “ideia de cultura dependente das estruturas materiais ou por elas determinada” e está de acordo com Gasbarro (2013, p. 93) que entende a especificidade de cada cultura que, assim como a religião, tem sua própria ortodoxia - aqui entendida como as convenções culturais comuns de um povo que se identifica com um mesmo espaço - que elabora sistemas de símbolos e significados. A junção, ou fusão de uma ortodoxia religiosa e uma cultura específica é capaz de produzir uma flexibilização nos modos de uso da religião.

No Brasil, no caso das Testemunhas de Jeová, essa flexibilização é claramente vista a partir da adaptação do discurso e prática conduzida por Denovais ao se deparar com a queda dos números que demonstraram o baixo crescimento da religião em território nacional. É preciso lembrar que, ao se considerar a primeira religião cristã, o discurso deve ser direcionado contra a doutrina e práticas da Igreja Católica, como fez desde a sua fundação, principalmente a partir das revistas produzidas nos Estados Unidos que eram e ainda são traduzidas no Brasil. A decisão contrária de Denovais, ao publicar uma revista com um objetivo diferente, ou numa direção contrária é descrita pela diretoria da Torre de Vigia como “uma publicação principalmente para debates estéreis com o clero protestante” (Associação Torre de Vigia, 1974, p. 41-42).

A carga pejorativa dessas palavras enfatiza a discordância e negação da ortoprática produzida no Brasil por Denovais a medida que tenta desqualificar suas ações reduzindo-as aos debates estéreis.

Essa flexibilização está de acordo com o que Certeau considera sobre as dinâmicas culturais. Ao pensar sobre a utilização de espaços, Certeau (2012, p. 233) concluiu que “as maneiras de utilizar o espaço fogem a planificação urbanística”, já que ao planejar uma cidade, o urbanista define maneiras de fazer e modos de uso; numa ação estratégica se torna senhor da racionalidade, que colapsa a partir das interpretações do espaço e maneiras criativas das pessoas que vão habitá-lo já que vão criar novas maneiras de fazer e modos de uso. O autor usa essa metáfora para fazer entender que a cultura não é rígida e se transforma a partir da ação criativa dos indivíduos. Na mesma esteira de pensamento, Gasbarro nos lembra que essas mesmas práticas vão moldar e transformar a ortodoxia de uma religião segundo uma cultura específica. Nesse sentido, parece interessante entender a prática de Denovais ao lançar a revista *A Luz da Verdade* como um esforço em adaptar a ortodoxia das Testemunhas de Jeová à realidade brasileira; por algum motivo, muito provavelmente influenciado pelos números preocupantes que já foram citados, Denovais entendeu que seu esforço e o das Testemunhas de Jeová ativas no país - os publicadores - devia se concentrar em atrair novos membros que não fossem católicos, mas protestantes.

4. Considerações Finais

A revista *A Luz da Verdade* deixou de ser produzida, provavelmente em 1936, já que neste ano a diretoria da Torre de Vigia decide por enviar um novo gerente para o Betel do Brasil que tivesse um perfil mais alinhado ao que pensava o presidente da associação, o Juiz Rutherford, como era chamado entre os fiéis. Apesar de esforços consideráveis, nenhuma edição da revista *A Luz da Verdade* foi encontrada durante este trabalho. Este fato combinado a organização e controle de publicações antigas bem como a quantidade de bibliotecas e acervos que as Testemunhas de Jeová mantêm em suas filiais revela uma intencionalidade em não manter as edições dessa revista pública.

Apesar dos esforços em fazer com que a religião enfim tivesse sucesso no Brasil, Denovais não alcançou o resultado esperado com a publicação da revista *A Luz da Verdade*, que foi descontinuada quando Nathaniel Yuille chegou ao país, enviado por Rutherford para alinhar a gerência do Betel do Brasil à diretoria da Torre de Vigia. Esse alinhamento pode parecer o fim da formação de uma cultura religiosa no Brasil e o prenúncio de uma nova era, obrigados a estarem sujeitos a uma formulação de religião que não lhes fosse própria, mas o impacto de uma nova gerência nas circunstâncias em que as atividades do grupo estavam no Brasil não significou grandes mudanças como fez parecer o relatado nas fontes dessa pesquisa, ao contrário, as táticas dos fiéis no Brasil com relação à diretoria da Torre de Vigia nos Estados Unidos continuaram e permitiram que estes, mesmo que de forma inconsciente, continuassem a agir ativamente com relação às normas que lhe eram impostas.

As reflexões apresentadas evidenciam que a tentativa de enquadrar as Testemunhas de Jeová em categorias rígidas - como protestantismo ou seita - revela-se insuficiente diante da complexidade de sua trajetória histórica e de suas práticas culturais. Ao longo de sua formação e expansão global, o grupo construiu uma identidade que dialoga com elementos do protestantismo, mas também se distancia dessa matriz ao propor uma ortodoxia própria, marcada por uma autoridade centralizada e por uma concepção excludente de verdade religiosa. No entanto, essa ortodoxia é permanentemente atravessada por processos de mestiçagem e adaptação cultural, tornando-se, na prática, uma ortoprática em constante negociação com as realidades locais. Esse movimento contraditório - entre uma rigidez discursiva e uma flexibilidade prática - coloca as Testemunhas de Jeová em um lugar de tensão dentro do campo religioso, desafiando tanto a lógica protestante da livre interpretação quanto as classificações externas que buscam reduzi-las a uma vertente específica do cristianismo.

A perspectiva histórica e comparada permite compreender que nenhuma religião existe fora do tempo e do espaço em que se desenvolve, e as Testemunhas de Jeová não são exceção. Apesar de sua insistência em uma verdade universal e

atemporal, o grupo é produto direto de seu contexto de origem e das múltiplas culturas que atravessa em sua expansão. No Brasil, essa adaptação envolve desde a apropriação de técnicas locais de evangelização até a filtragem de questões sociais e políticas nacionais através de uma óptica moldada pelas experiências e discursos da sede nos Estados Unidos. Esse descompasso entre o discurso oficial e as práticas locais reforça a ideia de que a ortodoxia, longe de ser um bloco monolítico, é continuamente reinventada nas margens, pelas ações dos fiéis e pelas necessidades de inserção no cotidiano de diferentes sociedades. Assim, mais do que uma negação do protestantismo, as Testemunhas de Jeová exemplificam como as religiões, ao se expandirem e transnacionalizarem, constroem-se em um campo de disputas, apropriações e reinvenções.

Por fim, pensar o caso das Testemunhas de Jeová a partir da noção de “boa de pensar”, proposta por Gasbarro, nos permite enxergar que a religião, em sua dimensão histórica, é menos um sistema fechado de crenças e mais um espaço simbólico de negociação entre ortodoxia e experiência vivida. O próprio ato de classificar as Testemunhas de Jeová como protestantes, como faz Rossi, ou como uma “nova religião”, como apontam alguns estudos contemporâneos, diz mais sobre a posição de quem classifica do que sobre a natureza intrínseca do grupo. Nesse sentido, a negação do protestantismo pelas Testemunhas de Jeová, apontada por Rossi, não deve ser lida apenas como uma ruptura doutrinária, mas como uma reinvenção identitária própria de um grupo que, ao mesmo tempo em que herda elementos do protestantismo, redefine-os em função de seu projeto religioso particular. Isso reafirma que toda ortodoxia é, em algum grau, superada, já que sua existência concreta sempre se dá no espaço fluido das práticas culturais e sociais.

REFERÊNCIAS

AGNOLIN, A. **História das religiões:** perspectiva histórico-comparativa. São Paulo: Editora Paulinas, 2013.

ANUÁRIO das Testemunhas de Jeová, Cesário Lange, São Paulo, 1974.

BENATTE, A. P. A História Cultural das Religiões: contribuições a um debate historiográfico. In: ALMEIDA, Néri de Barros; SILVA, Eliane Moura da. (orgs). **Missão e Pregação:** a comunicação religiosa entre a História da Igreja e a História das Religiões. São Paulo: FAP-UNIFESP, p. 59-79, 2014.

BERGE, Damião. A estrutura fundamental do sentimento religioso é a luz da psicologia experimental. **Revista A Ordem.** Ed. 99, fev., p. 125-150, 1939.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural.** Tradução de Enid Abreu Dobransky, 7^a ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.

GASBARRO, Nicola. Qual comparação em História das Religiões segundo Lévi-Strauss? **Rever,** São Paulo, ano 11, n. 1, p. 165-183, 2011.

GASBARRO, Nicola. Religione e/o religioni? La sfida dell'antropologia e della comparazione storico-religiosa. In: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de A. (Org). **(Re)conhecendo o Sagrado:** reflexões teórico-metodológicas dos estudos de religiões e religiosidade. São Paulo: Fonte Editorial, p. 83-106, 2013.

MOURA, C. **Fé, Saber e Poder:** os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife (1930 - 1937). Dissertação, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2011.

OLIVEIRA, Gustavo de Souza. Prefácio. In: MOURA, Carlos André Silva de, et al. (orgs.) **Histórias Transnacionais:** intelectuais e ordens católicas na América Latina durante o século XX. Rio de Janeiro: Autografia Editora, 2020.

O REINO de Deus já Governa! Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Cesário Lange, São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2014.

PETTAZZONI, Raffaele. O método comparativo (1959). **Religare**, v. 13, n. 1, p. 245-265, 2016.

ROSSI, Agnelo. Testemunhas de Jeová. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 01, fasc. 03, p. 481-489, 1941.

TESTEMUNHAS de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus. Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Cesário Lange, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993.